

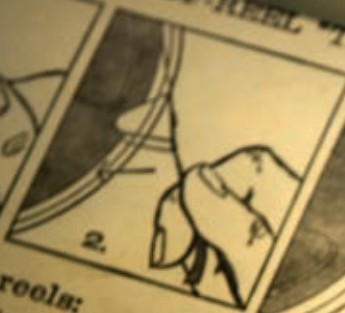
ÍNDICE

- 06 **VOLUME 02: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 10 **FIGURA: FRANCISCO FRANCO, SACRISTÃO DE MARMELETE**
- 12 **LEBRANDO MICHEL GIACOMETTI** João Honrado
- 16 **CONVERSAS COM... MARIA ALIETE GALHOZ**
- 28 **OS VILANCETES GLOSADOS DOS FOLIÕES DAS FESTAS
DO ESPÍRITO SANTO DE MARMELETE (ALGARVE)** Maria Aliete Galhoz
- 38 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 54 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**

HOW TO USE END-OF-REEL "TAPE CLIP"



1.



2.



3.

Preparation of tape reels:

1. Turn sides of Tape Clip and slide tape
retainer tab on top. Allow several inches
to extend beyond Tape Clip, to serve
as "tail".

2. Turn inside reel and pull down firm-
ly. To remove, shake out free end
and pull up.

**Preparation for temporary
reel storage:**

3. Without threading tape under
tab, simply turn Tape Clip up-
side down and press firmly down
onto tape inside reel. To remove,
lift out or pull out with free end
of tape.

Remove adhesive end-of-roll tab before using tape.

ONE LUBRICATION

... all-important
... creates and re-
... ons of sound.
... is the qual-
... er will give
... magnetic
... rear. To
... BRAND

magnetic ta
silicone lubr
out the oxid
polish or sur
the entire life
stant protection
record and rep

VEL. 19

REGISTRO DE
MÚSICA TRADICIONAL

—
MICHEL GILCOMETTI?



AGFA-GEVAERT

efgy

V13091

to identify
with pencil or

cleaning
pressure roller should be cleaned
rewind

POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

1.ª Série I Episódios 5 a 8

Gravação: 1970. Abril [1.ª campanha];

1970. Maio-Junho [2.ª campanha];

1971. Junho [3.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1971. Outubro-Novembro

LOCAIS

01. Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA

02. Beja. Serpa, Vale de Vargo, MONTE DE BELMEQUE

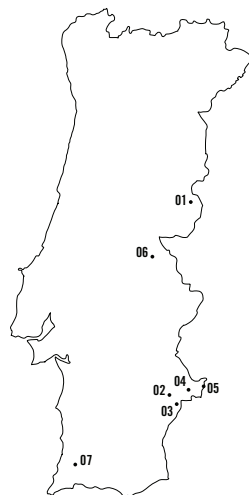
03. Beja. Serpa, VILA VERDE DE FICALHO

04. Beja. Moura, SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

05. Beja. Barrancos, BARRANCOS

06. Portalegre. Nisa, ALPALHÃO

07. Faro. Monchique, MARMELETE



TEXTOS/ EPISÓDIOS

FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM PENHA GARCIA

Data de transmissão: 1971. Outubro. 04

[Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA]

OS TAMBORILEIROS DO BAIXO ALENTEJO

Data de transmissão: 1971. Outubro. 18

[Beja. Serpa, Vale de Vargo: MONTE DE BELMEQUE

Beja. Serpa, VILA VERDE DE FICALHO

Beja. Moura, SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

Beja. Barrancos, BARRANCOS]

FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM ALPALHÃO

Data de transmissão: 1971. Novembro. 15

[Portalegre. Nisa, ALPALHÃO]

INQUÉRITO MUSICAL SOBRE A FOLIA DO ESPÍRITO SANTO EM MARMELETE

Data de transmissão: 1971. Setembro. 20

[Faro. Monchique, MARMELETE]

OBSERVAÇÕES

Editam-se quatro episódios, parte da 1.ª Série de *Povo que Canta*, que foram transmitidos entre Outubro e Novembro de 1971. Refira-se que as quatro séries que compõem este seriado, produzido e realizado pela Rádio Televisão Portuguesa correspondem aos quatro anos em que foram transmitidos: de 1971 a 1974.

O quinto episódio é dedicado a uma só cantadeira, Catarina Sargento, vulgo Catarina *Chitas*, trabalhadora do campo e tecedeira. Voltará a aparecer noutros episódios. Sargento era natural de Penha Garcia, Idanha-a-Nova, e Michel Giacometti chegará a ela através de Ernesto Veiga de Oliveira, que anos antes tinha prospectado musicalmente o País, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. É muito interessante não ter sido feito qualquer registo da viola designada por «beiroa». Várias vezes, Catarina Sargento, com um tocador de viola, irá a Lisboa. Aliás, no «catálogo nacional de informantes» disponíveis, esta mulher deverá ter sido das mais requisitadas para entrevistas e gravações.

Em Penha Garcia, em homenagem a «ti Chitas», ergueu-se-lhe um monumento. Fica à entrada da povoação.

Também devedor ao trabalho de Ernesto Veiga de Oliveira é o sexto episódio. Dedicado a quatro tamborileiros da região fronteira de Serpa, Moura e Barrancos, são gravados três tamborileiros (dois em Serpa e um Barrancos) e usa-se o som de um registo anterior, efectuado por Michel Giacometti cinco anos antes, no exemplo de Santo Aleixo da Restauração.

Em Vila Verde de Ficalho encenam a festa com o tamborileiro e o pendão, mais povo, e correm algumas ruas, e em Barrancos e no Monte de Belmeque fazem a gravação no local de habitação ou de trabalho.

À excepção do tamborileiro de Belmeque, todos os outros são apenas usados em contexto religioso. Este tamborileiro acorria também a festas ditas profanas, como os bailes de Entrudo. No Museu da Música Portuguesa guarda-se correspondência entre Giacometti e este tamborileiro, que denota afectividade e respeito entre ambos, e que também elucida sobre a estratégia de aquisição de instrumentos por parte do etnólogo.

Em Alpalhão, é gravado um fragmento de um auto setecentista, que se levantava apenas na altura do Natal e que servia de meio de peditério. Participado apenas por homens, tinha uma abrangência geográfica muito grande. Foram também gravados alguns espécimes musicais.

Da primeira campanha de gravações — Abril de 1970 —, é o material sobre o qual é montado o oitavo episódio, dedicado à Festa do Espírito Santo. Francisco Franco é aqui a personagem central. O texto lido por Celeste Amorim é quase todo retirado da monografia de Guerreiro Gascon.

Muito do património sonoro e musical aqui registado está hoje extinto ou padece de uma refoclorização. As cantigas de Marmeleite são hoje alvo de uma tentativa de recuperação; os tamborileiros estão praticamente extintos: o de Barrancos é um filarmónico e o de Santo Aleixo da Restauração encena e mal toca; em Idanha-a-Nova existe um processo de folclorização em torno destas práticas musicais: romaria, festa...; o teatro popular registado em Alpalhão está praticamente extinto: foi levantado numa freguesia do Crato há cerca de 20/30 anos pela última vez.

5.º PROGRAMA

FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM PENHA GARCIA

Beira Baixa, 1.ª Parte — 20 de Novembro de 1971



1. À maneira de prólogo, lembraremos alguns trechos da apresentação do nosso primeiro programa.

— No momento histórico em que a lenta desagregação da nossa velha cultura de tradição oral se processa em termos violentos, quer-nos parecer útil e necessário que, sem compromisso de qualquer espécie, recorramos a meios técnicos indispensáveis, como são os meios audiovisuais, para enriquecer, no sentido de uma melhor objectividade, alguns documentos por nós recolhidos a partir de 1960.

É óbvio que os inquéritos musicais apresentados no decurso dos nossos programas serão necessariamente fragmentados, embora tivessem sido conduzidos segundo um método intensivo, que obrigou o investigador a uma recolha de dados amplos, no plano psico-sociológico e cuja análise posterior permitirá definir melhor a fisionomia musical do nosso povo.

Nestes programas limitar-nos-emos a uma apresentação sóbria e discreta da realidade musical e em termos que permitam a sua apreensão por parte do maior número de espectadores. Fugiremos decerto à teorização e aos efeitos fáceis para restituir, na sua candura e na sua rudeza mesma, as vozes e as imagens recolhidas de surpresa e sem as frequentes distorções a que são sujeitas.

2. A RTP está em Penha Garcia, freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco.

3. O inquérito em Penha Garcia, trouxe a Michel Giacometti a confirmação da forte personalidade musical da tecedeira Catarina Sergento, mais conhecida por Catarina Chitas. Servida por uma memória pouco vulgar, Catarina Chitas cantou horas seguidas cantos que dizem da sua vida, do seu trabalho, da sua devoção.

Neste programa apresentaremos apenas seis cantos, escolhidos, entre outros, pelo seu carácter de rigorosa autenticidade.

4. *Cantiga da ceifa* — utilizada ainda hoje no trabalho da ceifa. Com os progressos de mecanização, os cantos da ceifa quase não sobrevivem na sua antiga função: auxiliar o rude trabalho, quebrando a sua monotonia. Em Trás-os-Montes, as cantigas de ceifa são designadas por «cantigas de segada» e são geralmente dialogadas, isto é: um homem ou uma mulher respondem a outro homem ou outra mulher. Trata-se, sobretudo no Nordeste, de velhos romances. Em várias zonas do Minho e Alto Minho, do Douro, da Beira Alta e da Beira Baixa, as cantigas de ceifa são cantadas sobretudo por mulheres e, não raras vezes, polifonicamente, a 3 ou 4 vozes.

5. *Senhora da Azenha* — canto de devoção à Senhora da Azenha, objecto de uma romaria local. Catarina Chitas acompanha o seu canto com o adufe, instrumento de percussão com que, ritualmente, são acompanhados os cantos de romaria na Beira Baixa, e muito especialmente no distrito de Castelo Branco.

6. *Moda do Entrudo* — canção «chocalheira» como são, por natureza, as canções do Entrudo em todo o país. O acompanhamento com o adufe das modas do Entrudo é quase que geral na região.

7. *Senhora dos Remédios* — outro canto devocional, dedicado à Senhora dos Remédios, frequentemente invocada na região para prevenir calamidades ou socorrer os doentes e aflitos. Canta-se igualmente durante a romaria à Senhora da Póvoa.

8. *Senhora da Póvoa* — a romaria da Senhora da Póvoa, que se realiza no Vale de Lobo, no Domingo de Pentecostes, é, como a Senhora do Almortão, das mais concorridas da Beira Baixa, embora tivesse perdido bastante das suas características originais.

9. *Cantiga da ceifa* — outra cantiga de trabalho, esta uma verdadeira preciosidade do

nosso cancionero regional. A bela melodia, segundo F.L.G. «é um simples pentacórdio frígio abundantemente floreado, aparentado a tantos outros ‘cantos de ar livre’ que têm o seu habitat próprio na bacia do Mediterrâneo».

— Ouvimos seis cantos do repertório tradicional de Penha Garcia e, por hoje, deixaremos Catarina Chitas, que nos diz:

Sei um moio de cantigas

E mais uma taleigada;

Se hoje canto tudo,

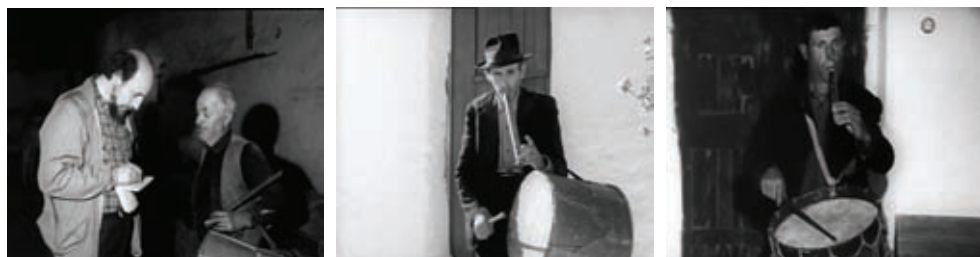
Amanhã não canto nada.

10. Ao fechar este programa, lembra ainda o seu autor: «O conhecimento objectivo das formas múltiplas e incessantemente renovadas da nossa cultura tradicional requer o seu registo minucioso, no próprio ambiente onde essas formas se desenvolvem. Neste sentido, a recolha da nossa musica regional, quando obedecendo a critérios rigorosos e quando auxiliada por meios técnicos modernos, constitui um passo imprescindível para um tal conhecimento.»

6.º PROGRAMA

OS TAMBORILEIROS DO BAIXO ALENTEJO

18 de Outubro de 1971



Este filme é dedicado ao Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, cujos trabalhos na matéria auxiliaram o nosso programa.

1. O tamborileiro pode ser definido como um instrumentista popular que toca simultaneamente um tamboril e uma flauta, estando a melodia a cargo da flauta e sendo o acompanhamento executado no tamboril com uma única baqueta.

2. O tamborileiro existe ainda hoje em duas zonas bem distintas do país: algumas aldeias raianas do distrito de Miranda do Douro, Trás-os-Montes, e nas aldeias de Vila Verde de Ficalho, Santo Aleixo e Barrancos no Distrito de Beja. Em Vale de Vargo encontraremos um tamborileiro que não exerce há anos a sua função, tocando apenas para seu próprio divertimento.

3. O tamborileiro existiu desde tempos remotos nos mais diversos países ou regiões, como a Inglaterra, a Flandres, a Alemanha e a Itália, para nos limitarmos à Europa. A sua função festiva perdura ainda em várias zonas da Espanha e da França. Entre nós, o tamborileiro constitui um elemento instrumental importante nas terras de Miranda, como já vimos, onde desempenha uma função cerimonial e até litúrgica, ao mesmo tempo que exerce uma função lúdica integrada na tradição musical da região. O tamborileiro do Baixo Alen-

tejo, pelo contrário, acha-se apenas associado às festas religiosas patronais, numa função cerimonial, servida por uma curta fórmula ritual diferente da música tradicional da região.

4. Aqui vemos o tamborileiro de Vila Verde de Ficalho, como aparece normalmente na festa da Senhora das Pazes, cuja capela se encontra perto da Raia. O peditório da festa em que participa faz-se em Agosto, e a festa propriamente dita inicia-se a partir do Domingo que se segue à Páscoa, dia em que se realiza a procissão de S. Jorge. No dia seguinte, o tamborileiro toca a alvorada e depois percorre as ruas alternando o seu toque com o que o povo chama a música, isto é, uma banda das redondezas convidada para dar brilho às festividades. De tarde, o tamborileiro acompanha a procissão ao lado do guião e imediatamente atrás da cruz.

5. O tamborileiro de Santo Aleixo. Não foi possível à RTP filmar o tamborileiro de Santo Aleixo, cujo «toque» apresentado neste momento, foi registado por Michel Giacometti em 1965. O tamborileiro de Santo Aleixo participava nas festas de Santo António, no primeiro domingo de Maio. Na véspera da festa, ao fim da tarde, fazia-se ouvir a caminho da capela do santo onde ia depositar os seus instrumentos, que aí ficavam toda a noite. De manhã regressava, tocando a alvorada pelas ruas, e de tarde acompanhava a procissão, alternando o seu toque com a banda.

6. Barrancos. Ao tamborileiro de Barrancos competem as festas de Santa Maria, a 15 de Agosto. Na véspera, acompanha o peditório pelas ruas. No dia seguinte, toca a alvorada e de tarde participa na festa, integrado na procissão, sempre ao lado do guião.

7. No Monte de Belmeque, nas imediações de Vale de Vargo, o etnólogo vai completar um inquérito iniciado no ano anterior. A RTP está presente e, sem mais comentários, transmite alguns momentos deste inquérito.

8. Desejávamos fechar este programa com estas palavras de Zoltan Kodaly: «É pela sua linguagem e pela sua música que a vida de uma nação se afirma.»

7.º PROGRAMA

ALGUNS FRAGMENTOS DE UM INQUÉRITO MUSICAL EM ALPALHÃO

Alto Alentejo — 1 de Novembro de 1971



1. A RTP está em Alpalhão, freguesia do concelho de Nisa, distrito de Portalegre.
2. O nosso inquérito em Alpalhão visava essencialmente a recolha de um auto pastoril da natividade, localmente designado por «presépio», e de vários cantos tradicionais. Na primeira parte deste programa apresentaremos o «presépio» numa versão, como é óbvio, sujeita a várias deturpações decorrentes da sua transmissão oral. Numa segunda parte, serão apresentados três cantos tradicionais que ainda hoje subsistem na sua função como que ritual.

1.ª PARTE

O PRESÉPIO DE ALPALHÃO

3. As dificuldades com que deparou a RTP ao desejar registar o «presépio» de Alpalhão, nas condições normais em que se representava, condições que Michel Giacometti, em 1965, ainda conseguiu reunir, são motivos que nos levam mais uma vez a apelar para a urgente necessidade de uma recolha sistemática, e com os meios apropriados, do que subsiste ainda de uma rica tradição musical.

Hoje, dois homens apenas, pai e filho, vão representar — embora o termo seja abusivo

— os papéis desempenhados pelas cinco figuras tradicionais que integravam os autos pastoris da Natividade: a Virgem Maria, S. José e os três pastores. Acontece, no entanto, que os nossos informadores (pastores e analfabetos) são os últimos detentores da tradição do «presépio», cuja transmissão oral desde tempos remotos se efectua através da sua própria família.

4. Os autos tradicionais, de que ficaram testemunhos impressos na literatura de cordel, gozaram de grande popularidade em várias zonas do Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral. Nestes últimos decénios deixaram de se representar, salvo raras excepções. O «presépio» de Alpalhão sofreu do mesmo mal e a sua representação tornou-se irregular. Nestes últimos anos tinha quase caído em desuso por desinteresse colectivo.

5. O «presépio» representava-se na noite de Natal, antes da Missa do Galo, tendo por participantes, como já vimos, um grupo de cinco homens que repetiam o espectáculo de casa em casa, em troca de comestíveis. O grupo compunha-se, portanto, (para empregarmos a terminologia local) de *Nossa Senhora* (um homem vestido de preto e de mantilha), *S. José* (de capote e munido de um cesto com uma boneca que figurava o Menino Jesus) e os *três pastores*, com os nomes de Lourenço, Pascuela e Naimbre ou Nambre, vestidos com pelicos pretos, cinta encarnada, carapuça da mesma cor e munidos de paus ferrados.

2.ª PARTE

TRÊS CANTOS TRADICIONAIS

6. Parece-nos útil apresentar neste programa dois cantos que, na mesma localidade, têm idêntica função: festejar o S. João. Neste confronto, o segundo, em nosso entender, apresenta mais interesse musical. Mas vamos ouvir o primeiro e, antes lembramos que hoje ainda, na noite de S. João, o povo de Alpalhão se junta e caminha a cantar pelas ruas até uma fonte, para aí beber o que chama de «água nova».

7. *São João*: canta-se nas mesmas circunstâncias que anteriormente. É de notar que o S. João é tido pelo povo como um santo folgazão, e daí a variedade, no nosso cancionero

popular, de quadras — algumas pouco reverentes — que lhe são dedicadas. O marcar do ritmo com o almofariz não é prática corrente no país, embora se tivesse registado o facto em outras localidades do Alto Alentejo e em Malpica do Tejo, no distrito de Castelo Branco.

8. *Descante aos noivos*: os cantos dirigidos aos noivos têm uma origem remota e são conhecidos entre nós de norte a sul do país. O povo chama-lhes «descante aos noivos», como aqui em Alpalhão e no Baixo Alentejo, «parabéns» em Idanha-a-Nova, «serenata aos esposados» em Penha Garcia, «comporta» em Mação. Às vezes, como era o caso precisamente em Mação, os «parabéns» eram cantados não na noite do casamento mas sim na véspera e com acompanhamento de adufes e almofarizes.

Em Alpalhão, no dia do casamento era hábito os noivos jantarem em casa das respectivas famílias, reunindo-se a seguir para participarem no baile a que obrigava a tradição. Cerca da meia-noite, eram conduzidos pelas famílias até ao novo lar. Não tardava que aparecessem foliões à sua porta para cantarem o descante aqui registado. Era regra o noivo retribuir o canto com comestíveis, especialmente em carne.

O descante iniciava-se em geral com esta quadra:

Ó noiva que já te casaste
Já puseste a mão na cruz
Deus te faça bem casada
Como a Virgem com Jesus.

9. Para fechar este programa lembraremos o que escreveu Lopes-Graça em *A Canção Popular Portuguesa*: «A Canção Popular Portuguesa é realmente a crónica viva e expressiva da vida do povo português, visto que por canção popular portuguesa se deve entender, antes de mais nada, e acima de tudo, a nossa canção rústica. Com efeito, só as populações dos campos, serras, lugares e aldeias de Portugal são depositárias de um tesouro inexaurível de melodias, que, na sua pureza, na sua frescura, na sua autenticidade ética, na variedade e naturalidade das suas formas, nas suas surpreendentes características estéticas, enfim, têm jus a ser consideradas como espelhando inequivocamente a nossa psique.»

8.º PROGRAMA

ALGUNS MOMENTOS DE UM INQUÉRITO ACERCA DA «FOLIA DO ESPÍRITO SANTO» DE MARMELETE

Algarve — 15 de Novembro de 1971



Este filme é dedicado à memória do Sr. José António Guerreiro Gascon, autor da obra *Subsídios para a Monografia de Monchique*, em que se baseou o nosso trabalho.

1. Ao iniciar este programa, Michel Giacometti escreve: «A consciência da nossa identidade como povo obriga ao conhecimento da nossa cultura rústica — não apenas das suas manifestações vivas, mas também das suas formas periclitantes ou que vivem tão-somente na memória dos mais velhos.»
2. Marmelete, freguesia de cerca de 3.500 habitantes, do concelho de Monchique, distrito de Faro.
3. A RTP encontra-se em Marmelete com Michel Giacometti, que vai tentar completar informações recolhidas, a partir de 1962, acerca da «Folia do Espírito Santo».
4. A «Folia do Espírito Santo» de Marmelete realizou-se pela última vez em 1903. O senhor Manuel Francisco Furtado, sacristão, é o único participante ainda vivo desta festa que já em 1903 tinha perdido o seu brilho, após ter sido interrompida longos anos.
5. As festas ou folias do Espírito Santo teriam sido instituídas em Alenquer por D. Dinis e sua mulher, a «Rainha Santa». Das devoções ao Espírito Santo, de que se destacam as folias e os bodos, subsistem alguns vestígios em várias zonas de Portugal Continental e

especialmente no distrito de Castelo Branco. Nos Açores, pelo contrário, as folias conservaram até certo ponto as suas características originais.

6. As folias, espécie de confrarias com carácter meio sagrado meio profano, geralmente compostas por um «rei», alferes, procurador, juiz, escrivão e mordomo, divulgaram-se rapidamente por todo o país.

7. As confrarias levavam a efeito o culto do Espírito Santo, venerando em especial imagens que o simbolizavam (geralmente esculturas de um ancião segurando na mão um crucifixo que tinha no topo uma pomba) e exercendo práticas devotas para esconjurar as epidemias e as pragas que às vezes infestavam o campo.

8. No decorrer dos tempos, a igreja teve que reprimir abusos cometidos pelas folias. No entanto, as folias perduram e, no dizer do Dr. Jaime Lopes Dias, «as próprias providências régias contra os bodos se curvaram perante elas». Assim, D. Manuel, que proibiu todos os bodos, permitiu que continuassem os do Espírito Santo.

9. O que foi a folia do Espírito Santo, de Marmeleite, quais os cantos e qual a função dos cantos que nela se integram?

10. A folia do Espírito Santo de Marmeleite realizava-se no Domingo do Espírito Santo e era precedida de um peditório que começava no Domingo de Páscoa. Todos os Domingos saíam os «foliões», em número de 6, para cantar a alvorada com acompanhamento de um tambor. Terminada a alvorada, iam almoçar a casa dos mordomos. Depois da missa obrigatória, organizavam um cortejo presidido pelo «rei» da folia, vestido de opa encarnada e empunhando um bastão.

11. No sábado do «Espírito Santo» juntavam-se os mordomos, os foliões e mais pessoal para os preparativos do dia seguinte. A certa altura, iam buscar o prior e dirigiam-se para uma casa arranjada para o efeito, chamada «casa do Espírito Santo», onde o prior benzia o pão e o vinho. Depois da bênção, distribuía-se pão e carne pelos pobres. À noite era servida uma ceia em que só se comia peixe.

12. No dia da festa havia novamente um peditório, acompanhado de cantigas, ao qual se seguia um bodo geral que, não raras vezes, se prolongava até à terça ou quarta-feira seguinte. Na casa do Espírito Santo estava posta uma mesa todo o tempo que durava o bodo, e ia lá comer e beber quem queria e quanto queria. Os «foliões» anunciavam com

cantigas as diversas fases do banquete. Enquanto os «foliões» cantavam, ninguém comia.

13. Terminada a festa, procedia-se ainda à cerimónia do enforcamento do «rei» que, nesse dia, era deposto. No Largo da Fonte levantava-se um mastro, do qual pendia uma corda com um nó corrido numa das extremidades. O «rei» apresentava-se envolvido num gabão, cujo capuz de repente metia no laço, safando-se logo por baixo, enquanto o povo puxava pela outra extremidade da corda. O enforcamento simbólico do monarca deposto assinalava, assim, o fim das festividades.

14. A folia do «Espírito Santo» tem evidentes implicações históricas e religiosas, assim como, necessariamente, socioeconómicas, cujas interligações seriam úteis analisar. Qui-semos apenas, neste programa, suscitar o interesse colectivo por um problema de cultura, cuja importância assinalou o Dr. Jaime Cortesão ao escrever: «O culto do Espírito Santo foi a forma típica e especificada que tomou a fé em Portugal durante um certo período e que explica em boa parte a sua história».